

ADRIANA VICTOR

JULIANA LINS

ARIANO SUASSUNA

••••• **Um Perfil Biográfico**



ZAHAR

Jorge Zahar Editor

Rio de Janeiro

Copyright © 2007, Adriana Pimentel Victor e Juliana Pimentel Lins

Copyright desta edição © 2007:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Projeto gráfico e composição: Mari Taboada

Capa: Miriam Lerner

SUMÁRIO

1. **O Devorador de Livros** 11
2. **Um Universo de Mestres e Amigos** 37
3. **A Mulher e o Reino Armorial** 61
4. **Metade Rei, Metade Palhaço** 91

ANEXOS

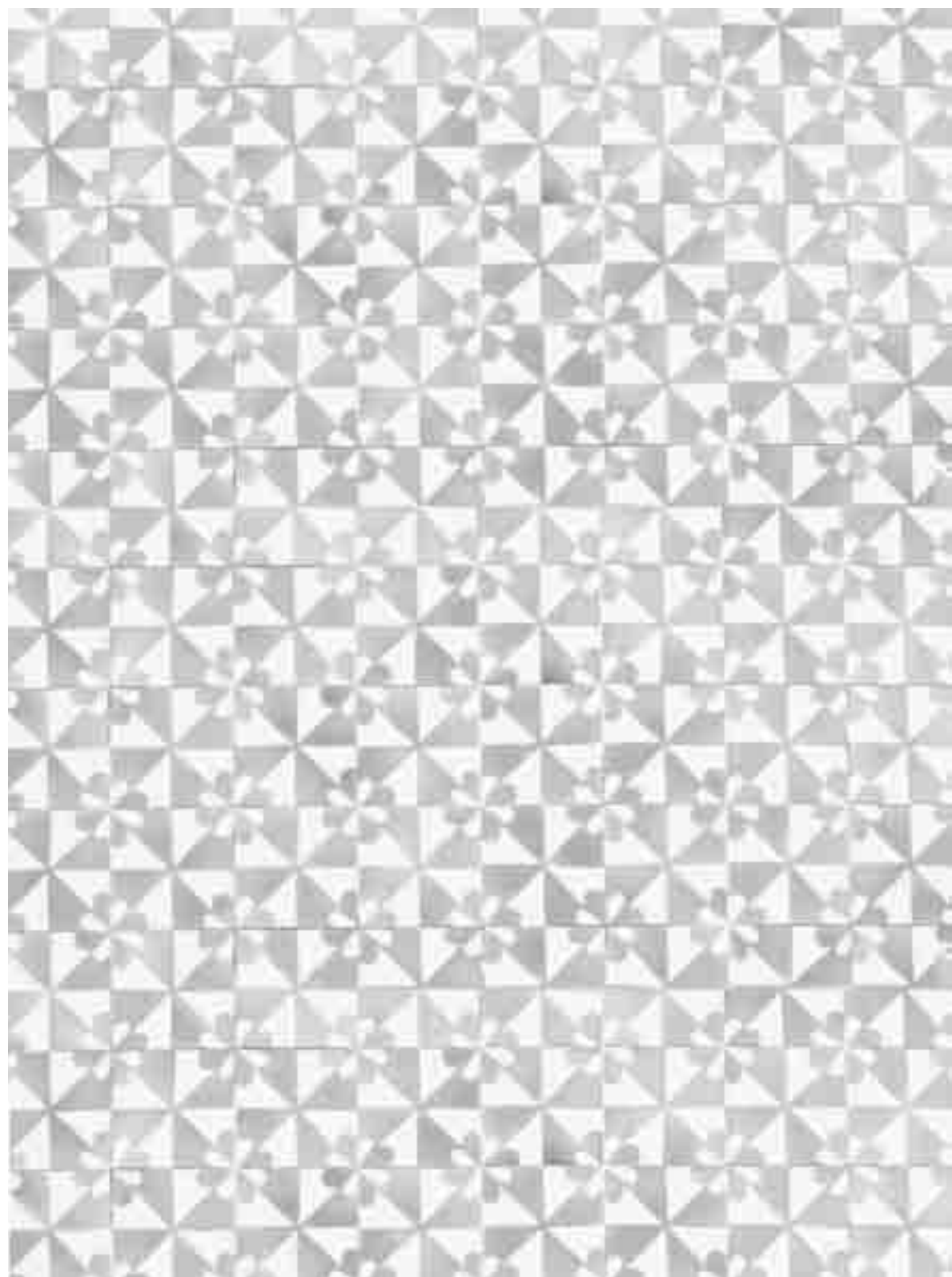
Leituras fundamentais de Ariano Suassuna 127

Seleção de obras de Ariano Suassuna 129

Fontes 133

Créditos das ilustrações 135





2

Um Universo de Mestres e Amigos



Aos 12 anos, Ariano ainda não pensava como escritor ou poeta, mas já tentava rabiscar uns versos. Da primeira tentativa ele se lembra achando graça e dizendo que nunca mais viu tanto T junto. A criação começava assim: “Triste serrote de minha triste terra.” Serrote aqui aparece como o diminutivo de serra, nome pelo qual é chamado o conjunto de grandes pedras do sertão. O assunto “pedras”, portanto, já vem daí, e será recorrente em muito do que Ariano escreveria depois.

A mudança da família para o Recife, em 1942, foi uma decisão tomada em função da constante preocupação de dona Rita com o estudo e a formação dos Suassuna. Mas a primeira vez que Ariano pisou em Pernambuco foi bem antes disso, no marcante ano de 1930, quando João Suassuna se mudou para a cidade para tentar escapar das perseguições relacionadas ao caso do assassinato de João Pessoa. Com a situação política ficando cada vez mais difícil, o pai



mandou buscar a família na Paraíba e alugou um apartamento na cidade de Paulista, na região metropolitana do Recife.

Foi um ano atribulado aquele. Apesar dos três anos de idade, Ariano lembra-se bem: na segunda quinzena de setembro, foi ao Recife com a mãe e o irmão Saulo. E ficou viva em sua lembrança a cena dos três ali, em pé no cais do porto, junto do Marco Zero, no centro da cidade. A mãe tentava mostrar-lhe as mãos do pai, acenando no navio que partia rumo ao Rio de Janeiro, onde teriam início os trabalhos legislativos daquele ano. Ariano, no colo de dona Ritinha, não conseguia avistá-lo no meio daquele mundaréu de gente. Até que, finalmente, reconheceu o rosto na janela do camarote – João Suassuna dava adeus à família. Essa foi a última vez que Ariano viu o pai vivo. A imagem o acompanharia por toda a vida.

Da segunda vez que foi ao Recife, no mesmo mês de outubro de 1930, Ariano estava com a mãe e outro irmão, João. Tinham ido visitar João Dantas, primo de dona Rita, que havia sido preso na Casa de Detenção (hoje transformada na Casa da Cultura) por ter matado João Pessoa. O menino ficou espantado com a altura da escada de ferro e com o tamanho da chave usada para abrir a cela. Lembra-se também de, ao entrar, ver João Dantas jogando baralho com seu cunhado Augusto Caldas, preso também. Havia ali mais duas pessoas, ou talvez não houvesse mais ninguém – a memória prega essas peças, ele sabe. Três dias depois da visita, João Dantas foi encontrado morto, enforcado – uma morte para a qual nunca apareceu um culpado.



De 1937 a 1942, Ariano morou no Recife, por causa dos estudos. Nesse tempo, segundo ele, a cidade era linda, com uma arquitetura preservada, bem semelhante à que hoje ainda pode ser vista na rua



A praça do Marco Zero, na época chamada praça Rio Branco, hoje está modificada. Acima, a rua do Bom Jesus, que permaneceu preservada.





O *Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do vai-e-volta*, escrito por Ariano Suassuna de 1958 a 1970 e publicado pela primeira vez em 1971, é o romance de ficção mais cultuado do escritor. O próprio Ariano considera essa a sua obra mais importante, de peso muito grande em sua vida, e, certamente também, o mais celebrado pela crítica (apesar de não ser tão conhecido pelos leitores como o *Auto da Compadecida*). Por ora, basta dizer que na história há uma trama policial. Em certo momento, o padrinho do personagem Quaderna é encontrado morto, degolado em um quarto fechado.

É um crime cuja autoria não é desvendada no romance. Anos depois de escrevê-lo, o autor se deu conta de que o episódio guardava estreita relação com o assassinato de João Dantas, primo de sua mãe. Descobriu também que, na literatura policial, esse tipo de recurso é conhecido como “crime do quarto fechado”.

Propositalmente e como forma de divertimento, Ariano recheou esse trecho do livro com algumas alusões a antigos livros policiais. Em um determinado momento, por exemplo, o juiz pergunta: “Mas não havia nenhuma pista?” E Quaderna diz: “Pista é brincadeira, isso é pra romance estrangeiro, o meu não tem pista coisa nenhuma. Não tem vela dobrada, nem disco mortífero, nem alfinete novo.” Todos esses objetos foram pistas de crimes em romances policiais que Ariano lera durante a infância e a adolescência.

Em 2006, quando o romance estava sendo adaptado para a televisão, o diretor Luiz Fernando Carvalho pediu que Ariano “abrisse o quarto”, isto é, criasse um desfecho pra o crime. O autor explica o que fez: “Eu saí com uma solução que não tem nada de policial, é bem mais poética. Disse que dom Pedro Sebastião estava lá. Mas havia aquelas seteiras, então as três aves de rapina da morte Caetana – o carcará, o gavião vermelho e o gavião mariscado – levantam vôo. E, como três flechas, entram pelas seteiras de asas fechadas. Quando chegam dentro do quarto, vêem três arcanjos, dois com grandes punhais e um com um ferro incandescente. Os dos punhais matam, o do ferro, ferra. Achei que poeticamente ficou bonito.”

do Bom Jesus. No século XVII, período de ocupação holandesa na cidade, a via era chamada de “rua dos judeus”, porque lá viviam muitos comerciantes de origem judaica. A rua também abrigou a primeira sinagoga das Américas, a Kahal Zur Israel, ou sinagoga Rochedo de Israel, o maior legado da presença dos judeus no Brasil durante aquele século e hoje um centro histórico de estudos judaicos.

Mas a relação de Ariano com a religião não passou pelo judaísmo. Seu pai era católico; a família de sua mãe, originalmente, também. Rita e João Suassuna casaram-se em cerimônia católica em dezembro de 1913. Anos depois, a avó materna de Ariano, Afra Dantas Vilar, converteu-se ao protestantismo – no que foi seguida por Rita. Dos dez aos 15 anos, Ariano estudou como interno num colégio protestante do Recife, o Americano Batista.

Sempre bem-humorado e brincalhão, Ariano era chamado de “chocalho” pelos amigos porque não parava de falar. Segundo ele próprio diz, era também “um moleque meio subversivo”. Ao entrar em um colégio novo, costumava dar logo uma “alteração” enorme, já no primeiro dia de aula. “Isso era para que ninguém viesse com chá de garfo pro meu lado. Eu fazia logo uma desordem grande.”



No Americano Batista, depois da “alteração”, Ariano descobriu que tinha tirado a sorte grande: encontrou ali uma bela biblioteca formada pelo antigo acervo de um benemérito piauiense, José Joaquim Nogueira Paranaguá, que havia doado seus livros para o colégio. Ele então saiu da boa biblioteca que seu pai havia deixado para outra ótima biblioteca. E ali, naqueles livros novos, havia um mundo inteiramente desconhecido, pronto para ser devorado pelo ávido leitor.





Os alunos podiam pegar os livros que quisessem na biblioteca. O menino Ariano pegava muitos e lia todos, a começar pelos de aventura. Aproveitava cada intervalo de aula para se embrenhar mais e mais na literatura. Certa vez, chegou a ser repreendido por passar tempo demais com os livros. Estava lendo, deitado de bruços como sempre, debaixo de uma enorme jaqueira, quando chegou José Alfredo Menezes, professor de geografia e também diretor do internato. O doutor Alfredo, que admirava Ariano como estudante, passou-lhe um cartão – uma repreensão afetuosa, lembrando que o menino precisava fazer exercícios físicos também. Foi por essa época que Ariano leu *Scaramouche*, do italiano Rafael Sabatini, ainda hoje um livro de que gosta muito. Leu também um outro chamado *Bom gesto*. O encanto com este último aumentou depois que ele pôde assistir no cinema ao filme com Gary Cooper (*Beau geste*, de 1939), que achou “muito bonito”. Ler e ir ao cinema eram os programas favoritos de Ariano durante sua adolescência.



No segundo ano de estudos, Ariano formou no Americano Batista o que ele chamou de “uma pequena máfia”. O grupo usava uma sigla, Isaja, e guardava vários segredos, entre eles o de que esse nome era formado pelas iniciais dos chefes: Isaac Barreto Ribeiro, Saulo Campelo, Ariano Suassuna e João Alfredo Lemos Liberato. Os quatro faziam tudo juntos, inclusive algumas pequenas contravenções. Por exemplo, na escola era permitido pegar frutas caídas, mas proibido tirá-las das árvores. A Isaja tirava. “Manga, sapoti, jaca, jambo, cajá, tinha o diabo. Era cheio de fruta, uma beleza o campus do colégio nesse tempo”, contaria o mais conhecido membro da Isaja.



*A biblioteca particular
de Ariano e os originais
do novo romance.*





ANEXOS



Leituras fundamentais de Ariano Suassuna



A idéia era que Ariano Suassuna listasse obras da literatura, brasileira e mundial, que influenciaram a sua formação de escritor. O desafio foi aceito, mas Ariano ressalta que, entre os escolhidos, há alguns autores considerados por muitos como de segunda ordem; outros são notadamente célebres. E todos foram fundamentais para a sua formação intelectual.

Pois bem, eis os livros descobertos por ele no período que vai das primeiras leituras até os 17, 18 anos. A ordem da listagem das obras segue a cronologia do autor: do menino de Taperoá ao jovem estudante do Recife.

- Coletânea “O tesouro da juventude”, de autores diversos. Entre os volumes mais lembrados estão *O livro dos porquês* e *O livro dos contos*.
- *Obras completas*, de Monteiro Lobato, um presente da mãe, dona Rita
- *Tarzan*, de Edgar Rice Burroughs
- *Scaramouche*, de Rafael Sabatini
- *Beau geste*, de Percival Christopher Wren
- *Através do Brasil*, de Olavo Bilac e Manoel Bonfim
- *História do Brasil para crianças*, de Viriato Correia
- *Os olhos velados de Londres*, de Edgar Wallace
- *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas
- *Violeiros do Norte*, de Leonardo Mota
- *Cantadores*, de Leonardo Mota
- *Contos populares do Brasil*, de Sílvio Romero
- *Cantos populares do Brasil*, de Sílvio Romero



- *Coração*, de Edmondo D'Amicis
- *O guarani*, de José de Alencar
- *Doidinho*, de José Lins do Rego
- *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis
- *Quincas Borba*, de Machado de Assis
- *Os Sertões*, de Euclides da Cunha
- *A carne*, de Júlio Ribeiro
- *O cortiço*, de Aluísio Azevedo
- *A cidade e as serras*, de Eça de Queiroz
- *A correspondência de Fradique Mendes*, de Eça de Queiroz
- *Os Maias*, de Eça de Queiroz
- *Assim falou Zaratustra*, de Friedrich Nietzsche
- *Origem da tragédia*, Friedrich Nietzsche
- *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queiroz
- *Dom Sebastião, rei de Portugal*, de Antero de Figueiredo
- *A velhice do padre eterno*, de Guerra Junqueiro
- Toda a obra de Émile Zola
- *Terras do Sem-Fim*, de Jorge Amado
- *Pedra Bonita*, de José Lins do Rego
- *Épocas e individualidades*, de Clóvis Beviláqua
- *Caminhos cruzados*, de Érico Veríssimo
- *Saga*, de Érico Veríssimo
- *Crime e castigo*, de Dostoievski
- *O idiota*, de Dostoievski
- *Os demônios*, de Dostoievski
- *Os irmãos Karamazov*, de Dostoievski
- *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes
- *Novelas exemplares*, de Miguel de Cervantes
- *Guerra e paz*, de Lev Tolstoi
- *Anna Karenina*, de Lev Tolstoi
- *Eu*, de Augusto dos Anjos

A extensa lista inclui algumas estrelas de primeira grandeza – livros que, depois do encantamento, tornaram-se leitura e paixão por toda a vida. A eles Ariano Suassuna volta muitas e muitas vezes: as obras de Dostoievski, *Os Sertões* e *Dom Quixote*.